

A MELANCOLIA DO EXÍLIO NO CONTO *LOS INMIGRANTES*, DE HORACIO QUIROGA

THE MELANCHOLY OF EXILE IN HORACIO QUIROGA'S SHORT STORY *LOS INMIGRANTES*

Gustavo Javier FIGLIOLO¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é identificar as marcas enunciativas da categoria da *melancolia*, conforme proposta pela Teoria Psicanalítica freudiana, na narrativa do conto *Los inmigrantes*, do escritor uruguaio Horacio Quiroga. Nota-se que boa parte da narrativa quiroguiana está focada na temática da morte com suas personagens sucumbindo de maneira trágica e inesperada e diversas vezes sem motivo aparente; há um “deixar-se morrer” que aparece com notável insistência. A leitura aqui abordada pretende mostrar como esses derradeiros atos da vida são originados pela melancolia das personagens, estados de alma melancólicos patológicos causados pela perda do objeto de desejo, pelo deslocamento desse objeto de desejo ao eu que, através da ambivalência emocional do binômio amor-ódio, causará essa morte como destino inevitável.

PALAVRAS-CHAVE: Morte. Melancolia. Psicanálise.

ABSTRACT: This paper aims to identify the enunciation marks of *melancholy* category, as proposed by Freudian Psychoanalytic Theory, in Horacio Quiroga's short story *Los Inmigrantes*. It is remarkable that a good part of Quiroga's narrative focus the theme of death with their characters succumbing in a tragic and unexpected way and sometimes with no apparent reason; there is a “let us die” that appears with remarkable insistence. This analysis aims to show how those final acts of lives are originated by the melancholy of the characters, pathological mood states caused by the loss of the object of desire, by the displacement of that object to the *ego* that, through emotional distress of the love-hate binomial, will cause that death as unavoidable destination.

KEYWORDS: Death. Melancholy. Psychoanalysis.

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. [...] A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados.

Edward Said

1. Professor adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina. Londrina. Paraná. Brasil. gustavo@uel.br.

O conceito de exílio é, sem dúvida alguma, de difícil definição. A extraordinária complexidade da explicação e conceituação do alcance semântico do termo deve-se a sua intrínseca polissemia e a sua natureza inter e transdisciplinar, podendo abarcar o lado jurídico, sociológico, psicológico, religioso, cultural, econômico etc. Uma definição de dicionário ofereceria conceitos como expulsão da pátria, desterro, deportação, degredo, ou ainda em sentido figurado, retiro, solidão em que se vive. Etimologicamente, a palavra exílio tem sua origem do vocábulo latino *exsilium* (exílio, desterro), o qual por sua vez procede de *exul*. A palavra *exul* provém de um arcaico verbo que em latim clássico somente aparece em formas verbais prefixadas e em algum adjetivo isolado. É formado com a raiz indo-europeia *al*, (andar, vagar), raiz que sofre apofonia ao ser prefixada, aparecendo com a forma *ul*. Em latim, esta raiz originou o verbo *ambulare* (andar, caminhar), formado com o prefixo *amb* (por um e outro lado), do qual temos *ambulante*, *deambular*, *noctâmbulo*; originou também o vocábulo *exul* (o que se foi, o que se retirou), do qual temos *exílio*, *exilar*, *exilado*. Joel Gonçalves Araújo comenta que:

Deste modo, pela sua complexidade e fluidez polissêmica, a noção de exílio não é susceptível de reunir consenso nas diversas áreas onde é abordada. Podemos, no entanto, afirmar que, transversal e comum a todas as tentativas de definição, está o núcleo da ausência ou da deslocação de alguém do pátrio solo (ARAUJO, 2010, p. 17).

A deslocação de alguém de seu lugar de origem, sua pátria amada, estaria, então, na origem do que poderíamos enquadrar, em sentido nominativo, como *exílio*. Mas sabemos que o sentimento de estar (sentir-se) exilado ultrapassa essas fronteiras semânticas e bem pode estar atrelado a outra coisa que não a terra natal. Edward Said (2003, p. 58) comenta que “o exilado atravessa fronteira, rompe barreiras do pensamento e da experiência”. O exilado não se sente somente como

afirmado a partir da existência da terra natal, do amor por ela e de uma ligação real com ela; a verdade universal do exílio não é que se tenha perdido esse lar, esse amor, mas que inerente a cada um, existe uma perda inesperada e indesejada (SAID, 1999, p. 411).

Do ponto de vista psicanalítico, a angústia que gera o exílio corresponde à *perda* do objeto de amor, como acontece na melancolia, e que muitas vezes induz ao suicídio, por ser o caminho que menos sofrimento acarreta (por ser talvez o único caminho possível).

Freud valeu-se de mitos para a elaboração de vários de seus conceitos da Teoria Psicanalítica, nomeadamente o mito de Édipo. León e Rebeca Grinberg

(1982), em *Psicoanálisis de la migración y del exilio*, oferecem uma explicação também a partir da mitologia. Os autores partem do postulado de que o homem sempre procurou “migrar” na tentativa de alcançar o conhecimento, transpondo fronteiras já delimitadas muito especificamente, pelo que a tarefa esteve sempre obstaculizada por proibições que transformaram a “migração-busca” em “migração-expulsão-castigo”, originando dor, confusão e falta de comunicação.

A primeira migração seria, então, a de Adão e Eva. Impulsionados pela curiosidade e o desejo de conhecimento, deslocaram-se à região proibida do Paraíso, onde jazia a árvore da qual Deus tinha proibido comer:

E vendo a mulher que aquela árvore *era* boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e *ele* comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que *estavam* nus. (BÍBLIA, Gênesis, 3, 6-7).

Com a desobediência, Adão e Eva foram impedidos do acesso ao conhecimento, uma vez que Deus colocou no caminho da árvore da vida, para protegê-la, querubins com espadas acesas que se mexiam a todos os lados. O mito do Éden, ademais, representa

o símbolo do nascimento, a primeira migração da história individual, com a sua dissociação (souberam do bem e do mal), com o incremento das ansiedades mais primitivas (paranoides e depressivas) determinadas pela perda do objeto ideal, e a angústia do eu de ficar desamparado e livrado a suas próprias forças. (GRINBERG; GRINBERG, 1982, p. 5).

As próprias forças são entendidas como uma metáfora do processo pelo qual passa a criança quando se vê diante da necessidade de ter que renunciar à mãe como objeto de amor, na resolução do Complexo de Édipo: a procura do objeto substituto será a tarefa de nossas vidas. Por isso que Deus

à mulher disse: Multiplicarei grandemente tua dor e tua conceição, com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias de tua vida. (BÍBLIA, Gênesis 3, 16-17).

Isso significa perder o fornecimento contínuo e incondicional do cordão umbilical, a necessidade de procurar o próprio alimento, a falta do peito ma-

terno, o sofrimento pela perda desse objeto (o desmame) e todo o esforço que significa sua reparação e recuperação. Estas são algumas “experiências migratórias” pelas quais o homem deverá passar em seu desenvolvimento evolutivo, afastando-se de maneira progressiva de seu objeto original materno. (GRINBERG; GRINBERG, 1982, p. 5).

Outro mito secular é o de Édipo, grandiosa tragédia que Freud utilizou para simbolizar parte de sua teoria. A história de Sófocles é bastante conhecida e está recolhida nas obras *Édipo Rei* e *Édipo em Colono*.

Laio, o rei de Tebas, havia sido alertado pelo Oráculo de Delfos que uma maldição iria se concretizar: seu próprio filho o mataria e este filho se casaria com a própria mãe. Por tal motivo, ao nascer Édipo, Laio o abandona no monte Citerão, pregando um prego em cada pé para tentar matá-lo. O menino é recolhido mais tarde por um pastor e batizado como “Edipodos”, o de “pés-furados”; é adotado depois pelo rei de Corinto. Aqui temos o primeiro exílio de Édipo, saindo de Tebas para Corinto.

Anos depois, Édipo consulta o Oráculo e este lhe dá a mesma previsão dada a Laio: que mataria seu pai e desposaria sua mãe. Então, sem saber que os seus pais eram adotivos, foge de Corinto, para não matá-los conforme dizia a profecia. Este é o segundo exílio, de Corinto a Tebas.

No caminho, Édipo encontra um homem, se desentendem e acaba matando-o; era seu pai: Laio. Édipo segue à sua cidade natal, Tebas, que está consternada por dois motivos: o rei havia sido morto e uma Esfinge aterrorizava a cidade e tinha lançado um desafio: “Qual é o animal que tem quatro patas de manhã, duas ao meio-dia e três à noite?” Jocasta, mãe biológica de Édipo, oferece sua mão a quem derrotasse a Esfinge. Édipo conseguiu resolver o enigma: é o homem: “Ao amanhecer é a criança engatinhando, ao entardecer é o adulto caminhando, ao anoitecer é o velho que se ajuda da bengala para andar”. E se casa, sem saber, com sua mãe, com quem tem quatro filhos. Quando consulta o oráculo, por ocasião de uma peste, Jocasta e Édipo descobrem que são mãe e filho; ela comete suicídio e ele fura os próprios olhos por ter estado cego e não ter reconhecido a própria mãe. Após sair do palácio, Édipo é avisado pelo Corifeu que não é mais rei de Tebas: Creonte ocupara o trono. Édipo pede para ser exilado, e ajudado por Teseu, rei de Atenas, segue para Colono. Eis o terceiro exílio.

O mito de Édipo foi abordado por Freud na teoria do complexo de Édipo, sublinhando especialmente seu significado sexual e os sentimentos de ciúmes, rivalidade, amor e ódio. Freud tinha já especulado a respeito em *Totem e Tabu* (1913), com a teoria da horda primitiva e suas leis totêmicas, que impunham a in-

terdição do relacionamento sexual com a mãe biológica e a exogamia para evitar o parricídio e o incesto. Temos dois depoimentos interessantes para ilustrar essa condição. Um é de Charles Darwin:

Podemos na verdade concluir, do que sabemos do ciúme de todos os quadrúpedes masculinos, armados, como muitos se acham, de armas especiais para bater-se com os rivais, que as relações sexuais promíscuas em um estado natural são extremamente improváveis. [...] a visão mais provável é que o homem primevo vivia originalmente em pequenas comunidades, cada uma com tantas esposas quanto podia sustentar e obter, as quais zelosamente guardava contra todos os outros homens. Ou pode ter vivido sozinho com diversas esposas, como o gorila, pois todos os antigos concordam que apenas um macho adulto é visto num grupo; quando o macho novo cresce, há uma disputa pelo domínio, e o mais forte, matando ou expulsando os outros, estabelece-se como chefe da comunidade. [...] Os machos mais novos, sendo assim expulsos e forçados a vagar por outros lugares, quando por fim conseguiam encontrar uma companheira, preveniram também uma endogamia muito estreita dentro dos limites da mesma família (DARWIN, 1974, p. 247-253).

Sigmund Freud, apoiado nos postulados de Darwin, entre outros, elabora uma teoria similar. Estar-se-ia em condições, desta maneira, de unir, através da interpretação psicanalítica, o ritual da refeição totêmica com as teorias darwinianas do estado primitivo da sociedade humana. Nestes primórdios, o que se tinha era um pai tirano e ciumento que obtinha para si todas as fêmeas e expulsava os outros machos, ainda mais fracos que ele. Estes, no entanto, uniram-se e atacaram o pai, tomando suas fêmeas e devorando-o, identificando-se neste ato com ele. Os irmãos odiavam o pai por este possuir todas as fêmeas; o assassinato, porém, trouxe duas conseqüências: a primeira foi o remorso sentido, e o pai passou então a ter mais poder morto que vivo; a segunda foi que os irmãos perceberam que a partir de então, a única maneira possível de subsistência requereria a renúncia, de todos por igual, das fêmeas do bando. Criaram-se, assim, os dois tabus primordiais do totemismo: não matar o animal totêmico e não ter relações sexuais com membros do mesmo clã, inaugurando a moralidade e a cultura humanas.

Essa conseqüência ulterior permite sugerir a possibilidade concreta das religiões terem seu antecedente no totemismo, como Freud assinala:

Foram assim criadas características que daí por diante continuaram a ter uma influência determinante sobre a natureza da religião. A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma

obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema. Variam de acordo com o estágio de civilização em que surgiram e com os métodos que adotam; mas todas têm o mesmo fim em vista e constituem reações ao mesmo grande acontecimento com que a civilização começou e que, desde que ocorreu, não mais concedeu à humanidade um momento de descanso (FREUD, 2006, p. 173).

Daí a verificação de que a ambivalência emocional (amor e ódio) pelo assassinato do pai persiste nas religiões e no totemismo. A satisfação pela conquista sobre o pai implica, na celebração, além do regozijo, o pranto, com a repetição periódica do ritual da aliança que reforça os vínculos entre os participantes. “A importância que em toda parte, sem exceção, é atribuída ao sacrifício, reside no fato dele oferecer satisfações ao pai pelo ultraje que lhe foi infligido no mesmo ato em que aquele feito é comemorado” (FREUD, 2006, p. 178). E vimos que desde o tempo de Sófocles (muito anterior ao Cristianismo e, portanto, ao rito do consumo do sangue e do corpo de Cristo), o tabu e o remorso que causavam o parricídio e o incesto eram determinantes da ruína humana, uma verdadeira tragédia.

Mas o mito de Édipo pode ser estudado também por outro viés, além daquele que contém o elemento sexual como determinante da tragédia. Referimo-nos ao vínculo que o mito tem com o conhecimento, tão importante no ser humano, como os sentimentos de amor e ódio. O enigma da Esfinge seria uma expressão da curiosidade do homem, seu anseio pelo saber, da mesma maneira que a determinação com que Édipo investiga o crime do próprio pai, apesar do conselho do sábio da cidade, Tirésias, de não fazê-lo². Édipo volta a Tebas para buscar a verdade. Desafiando o enigma da Esfinge consegue o conhecimento. Na narrativa, há um aspecto de Édipo que tenta obstruir a investigação ao mesmo tempo em que há outro que quer seguir com a busca da verdade, que finalmente se impõe. Isto está nas entrelinhas, de maneira dissociada, com a negativa de Tirésias de querer ajudar Édipo (Tirésias é cego e simbolicamente poder-se-ia inferir que o perder a visão foi fruto de querer buscar o conhecimento, como Adão e Eva com a árvore da vida). Psicanaliticamente falando, estamos na presença de um conflito inerente a todo ser humano, em que uma parte reprime os impulsos de arrebatamento ao pai seu bem mais prezado e outro que tende a consumir o fato, expondo-se ao castigo e à morte (por suicídio muitas vezes, diante da angústia

2. Tirésias aconselha Édipo, já rei, a não seguir adiante com a investigação acerca de quem matara seu pai. Édipo e Jocasta já haviam tido quatro filhos e uma peste tinha assolado a cidade. Édipo insistiu em querer saber a verdade e acabou descobrindo que ele próprio tinha matado o pai e que Jocasta era sua mãe.

intolerante) ou ao exílio. Na teoria psicanalítica, a mãe é possessão do pai e objeto de rivalidade e de ciúmes por parte do filho; no outro enfoque, o conhecimento seria o bem mais prezado, propriedade do Pai e, portanto, proibido ao homem. (GRINBERG; GRINGBERG, 1982). Nesse sentido, os autores interpretam:

La prohibición del conocimiento profundo parece provenir de no poder sentirlo como símbolo, sino como si realmente fuera una relación sexual incestuosa, tomando al pie de la letra la expresión bíblica de «conocer a una mujer» en el sentido de vincularse sexualmente a ella. La ceguera de Edipo condensa el castigo de ambos pecados: pierde los ojos como instrumentos para la satisfacción de la curiosidad, y como representantes simbólicos de los órganos sexuales que sufren la castración. (GRINBERG; GRINGBERG, 1982, p. 7).

Da mesma maneira, e com respeito a Adão e Eva:

El exilio convierte el movimiento de indagación, la migración voluntaria, en castigo y migración forzada. Análogamente, la expulsión del vergel del Edén convierte el trabajo-parir-creación (con dolor de desprendimiento y alegrías de nacimiento) en trabajo-parir-castigo (con el dolor como maldición). (GRINBERG; GRINGBERG, 1982, p. 7).

Simbolicamente, então, o conhecimento equipara-se ao objeto de amor materno, o qual buscaremos com insistência perene durante toda nossa vida.

No terceiro mito, o da torre de Babel, o impulso migratório está expresso com o desejo de “alcançar o céu”, para atingir o conhecimento ulterior, do outro mundo. Este desejo é castigado por Deus com a confusão de línguas e a abolição da comunicação. É o que pode acontecer com um imigrante que chega a um lugar novo e encontra enormes (às vezes insuperáveis) diferenças em relação ao lugar que deixou: idioma diferente, cultura diferente, costumes diferentes. Existe a possibilidade de a confusão ser tal que há uma ruptura na comunicação, trazendo inclusive a despersonalização. Com frequência o sujeito, nestas situações, apela ao mecanismo de dissociação, com a idealização de todas as experiências novas pelas quais passa no novo ambiente que o acolhe, ao mesmo tempo em que desvaloriza tudo o que deixou para trás. Ou bem com o processo inverso, ao menos até uma adaptação nem que seja parcial, quando ocorre. Esta dissociação serve para evitar o luto, o remorso, a angústia, a depressão que o exílio pode causar. (GRINBERG; GRINGBERG, 1982, p. 8). Simbolicamente, na ruptura da comunicação por parte do sujeito que deseja o conhecimento “alcançando o céu”, configura-se o exílio.

Cabe destacar que nos três mitos, o do jardim do Éden, no mito edípico e no mito da torre de Babel, a curiosidade e o afã de conhecimento têm o mesmo *status* de pecado e é castigado da mesma maneira com o exílio dos sujeitos.

Em seu imponente trabalho acerca da história do exílio, a “síndrome do desterro”, o sofrimento e a dor são chamados “males de ausência” por Maria José de Queiroz (1998). É justamente essa ausência que se dá no estado de alma melancólico: algo falta, há um vazio, uma necessidade de preenchimento, uma sensação de angústia inexplicada, um estatuto de falência emocional, tristeza, apatia, desânimo, isolamento, um flertar com a morte, muitas vezes. Amanda Pérez Montañez (2013), em “Vozes do Exílio”, e acerca de como o conceito manifesta-se na narrativa literária, comenta justamente que:

A marca do trauma do exílio fica refletida na perda de identidade, na dor, na fratura e no estranhamento. [...] Na modernidade, o homem ainda não superou a desdita de permanecer em permanente desterro. As conquistas de qualquer desterrado são constantemente carcomidas pelo sentimento de estranhamento e de perda. Todo exilado é um naufrago que luta por sobreviver num território estranho onde a desesperação, a aniquilação e o silêncio se fazem presentes. [...] No âmago da solidão, o exilado sente, no silêncio de seu ser, o verdadeiro destino da existência humana. (MONTAÑEZ, 2013, p. 15).

Perda, estranhamento, ausência, palavras interligadas que explicam o estado de alma melancólico dos desterrados: algo se perdeu, mas não se sabe o quê; portanto, há um estranhamento. Se a ausência se prolongar, não há mais remédio que partir para outra situação, para outro estado, qualquer um será melhor.

Luto e Melancolia

Tento lhes falar de um abismo de tristeza, dor incomunicável que às vezes nos absorve, em geral de forma duradoura, até nos fazer perder o gosto por qualquer palavra, qualquer ato, o próprio gosto pela vida. Donde vem esse sol negro? De que galáxia insensata seus raios invisíveis e pesados me imobilizam no chão, na cama, no mutismo, na renúncia?

Julia Kristeva

Entre outras categorias, a Teoria Psicanalítica trata de dois aspectos da vida psíquica conhecidos como os processos de luto e da melancolia; eles são simi-

lares, afecções paralelas, mas não iguais. O *luto* é a reação à perda de um ser amado ou de uma abstração equivalente, como podem ser a liberdade, a pátria (pelo exílio), ideais etc. Traz normalmente desvios da conduta normal, porém não é considerado um estado patológico; após certo tempo é superado e não é conveniente, e é até contraproducente, perturbá-lo. Os traços intrapsíquicos que manifesta o luto são um desânimo profundamente doído, cessação do interesse pelos acontecimentos do mundo exterior, a perda da capacidade de amor e a inibição de toda produtividade. O *eu (ego)* entrega-se de tal maneira ao processo, que se produz uma quase total restrição que não dá lugar a outros propósitos ou interesses. No luto, o princípio da realidade mostra que o objeto amado não mais existe e demanda que a libido rompa todo vínculo com ele. Neste estado de coisas, é possível que surja um desconhecimento ou estranhamento da realidade e se conserve o desejo do objeto mediante uma psicose alucinatória de desejo, mas o normal é que o exame da realidade prime. De qualquer maneira, resulta em um processo levado a cabo de maneira paulatina, muitas vezes demorada, com um grande gasto de energia de carga libidinal e continuando a existir na consciência o objeto perdido enquanto o processo dura. Os pontos de contato da libido com o objeto são repetidamente acessados e rejeitados (pela não existência atual do objeto, conforme o princípio de realidade), acontecendo uma subtração sucessiva da libido com um conseqüente desprazer, até que o *eu* fica livre da carga libidinal e de toda inibição voltando ao estado normal anterior ao processo. Um ponto importante diz respeito à *ambivalência emocional*, isto é, as pulsões de vida e de morte existentes em toda instância psíquica, o amor e ódio que despertam o objeto de desejo: no processo de luto, as cargas libidinais são reduzidas até cessarem ora pela ira que culpa o objeto de não mais aí estar, ora por não considerar mais o objeto como algo de valor. “O trabalho de luto consiste, assim, num desinvestimento de um objeto, ao qual é mais difícil renunciar na medida em que uma parte de si mesmo se vê perdida nele” (MANNONI, 1995, p. 91).

Diferentemente do luto, a melancolia tem características parecidas, mas ao mesmo tempo bem diferentes, principalmente, quanto ao deslocamento da energia pulsional (libido) para o objeto investido (“catexiado”). Roudinesco e Plon (1977, p. 505) definem a melancolia nos seguintes termos:

Termo derivado do grego *melas* (negro) e *kholé* (bile), utilizado em filosofia, literatura, medicina, psiquiatria e psicanálise para designar, desde a Antiguidade, uma forma de loucura caracterizada pelo humor sombrio, isto é, por uma tristeza profunda, um estado depressivo capaz de conduzir ao suicídio, e por manifestações de medo e desânimo que adquirem ou não o aspecto de um delírio.

A *melancholia* comporta um estado de ânimo profundamente doloroso, com igual perda de interesse pelo mundo exterior, inibição das funções e perda da capacidade de amar como no luto, mas com o acréscimo de uma diminuição do amor próprio, da autoestima. Este último estágio se traduz em recriminações que o sujeito faz para consigo mesmo e pode até acarretar, inclusive, a espera de um autocastigo. A *melancholia* constitui, em alguns casos, a reação à perda de um objeto amado, mas essa perda tem uma natureza mais ideal: o objeto de amor não morre, mas se perde como objeto erótico (a noiva abandonada de que fala Freud). Em outras ocasiões, o sujeito não sabe exatamente o que se perdeu, e jaz aqui a grande diferença com o luto: neste, a perda é sentida (captada) pela consciência; na *melancholia*, a perda do objeto é inconsciente, a consciência nada sabe disso, daí a dificuldade para resolver o problema. A perda do objeto de desejo tem efeito no próprio *eu* (ego) do sujeito que, diante da perda, em vez de deslocar a libido para outro objeto a retrai ao eu, permitindo uma identificação do eu com o objeto abandonado, transformando a perda do objeto numa perda do próprio eu. Este processo tem uma clara base narcisista na eleição inicial do objeto para que, em caso de qualquer contrariedade, a carga erótica possa voltar ao eu, daí a identificação deste com o objeto perdido quando este se perdeu. A identificação narcisista é a mais primitiva de todas; o problema consiste em que, em casos de *melancholia* e devido à ambivalência emocional, as tendências sádicas e de ódio voltam-se contra o próprio sujeito, o que talvez permita esclarecer a tendência ao suicídio. Roudinesco e Plon (1998, p. 507) comentam que:

Enquanto o sujeito, no trabalho do luto, consegue desligar-se progressivamente do objeto perdido, na *melancholia*, ao contrário, ele se supõe culpado pela morte ocorrida, nega-a e se julga possuído pelo morto ou pela doença que acarretou sua morte. Em suma, o eu se identifica com o objeto perdido, a ponto de ele mesmo se perder no desespero infinito de um nada irremediável.

No luto, o *eu* domina o sofrimento da perda do objeto e arremete libidinalmente contra outros objetos; na *melancholia*, por ser um processo inconsciente, não é possível tal tarefa, pois deixa sequelas, com desenlaces que vão de estados intensos de exaltação (manias) ao suicídio já comentado. A respeito da enorme sensação de mal-estar que sente o melancólico, Garcia-Roza (1995, p. 76) faz a seguinte análise:

Uma outra diferença notável entre a perda objetal que caracteriza o luto e a que caracteriza a *melancholia* é que, enquanto no luto é o mundo que se torna pobre e vazio, na *melancholia* é o próprio eu. A

desvalorização que o melancólico faz do próprio eu, a autodegradação, a insistente declaração do quanto é uma pessoa moralmente desprezível, a facilidade com que se envilece perante os outros esperando ser expulso ou punido não admitem contestação. Nada que se diga em sentido contrário é acatado pelo melancólico ou minora seu sentido de inferioridade.

A melancolia constitui uma patologia muito antiga na humanidade, confundida facilmente com a depressão. De uma ou outra maneira, constata-se um estado dominante presente em nosso cotidiano, extremamente atual, no sentido de um “mal-estar da modernidade”, marcado por uma intensa inibição psíquica e física, expressando-se em sentimentos de impotência, culpa, vazio e sofrimento.

Na história da civilização, a melancolia adotou distintos significados: manifestação de loucura, uma tristeza maligna, ou até um estado maníaco que resultava em genialidade e em contato profundo com as verdades sobre a existência. Embora se apresentando de maneira nebulosa, a melancolia sempre esteve ligada, de alguma forma, às vivências dolorosas de perda: frustrações, decepções, desamparo, humilhações, abandono etc. Assim, é possível reunir todos estes eventos sob o signo de *registro da perda*, isto é, aos limites do ser humano frente ao desejo de controlar e dominar os acontecimentos da existência. O *registro da perda* evidencia a impotência e fragilidade do homem e, em última instância, da civilização, frente à supremacia do destino. (BIRMAN, 2006)

Para o estudo da melancolia, Freud baseou-se nas assim chamadas neuroses atuais, ou seja, a neurose de angústia provocada por uma vida sexual insatisfatória, no atual momento, e não derivada do recalçamento da resolução do Complexo de Édipo. Ele constatou que a angústia de seus pacientes estava relacionada com a sexualidade. O coito interrompido, por exemplo, constitui fonte de desprazer e angústia, uma angústia não prolongada ou recordada (mas *atual*), ao contrário da histeria (do recalçado na infância). Assim sendo, sua origem deve ser buscada na esfera física, isto é, um fator físico da vida sexual que produzirá um acúmulo de tensão sexual por um bloqueio na descarga. Esse excesso de tensão sexual passa então por um processo de transformação, surgindo a angústia. A partir deste pressuposto, Freud vai desenvolver algumas hipóteses sobre melancolia. O processo tem uma abordagem econômica e mecanicista, centrado na ideia de represamento ou descarga de energia física e psíquica. (PERES, 2010). Esta ideia toma a forma de uma sensação “voluptuosa”; diz Freud:

A anestesia, realmente, sempre consiste na omissão da sensação voluptuosa, que deve ser dirigida para o grupo sexual psíquico após a

ação reflexa que descarrega o órgão efetor. A sensação voluptuosa é medida pela quantidade da descarga (FREUD, 2006 [1895], p. 286).

Os melancólicos apresentariam, então, uma espécie de anestesia psíquica; porém, se na neurose de angústia o bloqueio é de energia física, no que toca à melancolia há que se pensar em uma tensão psíquica que não se satisfaz. Os melancólicos, comenta, são frequentemente anestésicos, não apresentam desejo de coito e carecem de sensação de prazer, mas tem uma enorme necessidade de amor. Assim o explica:

Aqui se pode intercalar algum conhecimento que nesse meio tempo se obteve acerca do mecanismo da melancolia. Com freqüência muito especial verifica-se que os melancólicos são anestésicos. Não têm necessidade de relação sexual (e não têm sensação correlata). Mas têm um grande anseio pelo amor em sua forma psíquica – uma tensão erótica psíquica (*psychische Liebespannung*), poder-se-ia dizer. Nos casos em que esta se acumula e permanece insatisfeita, desenvolve-se a melancolia. Aqui, pois, poderíamos ter a contrapartida da neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual física – neurose de angústia. Onde se acumula tensão sexual psíquica (*psychische Sexualspannung*) – melancolia (FREUD, 2006 [1894], p. 269).

Freud enumera uma série de sintomas para a melancolia: apatia, inibição, pressão intracraniana, dispepsia e insônia, diminuição da autoconfiança, expectativas pessimistas. A distinção, ainda, entre melancolia e depressão deve-se, segundo ele, à presença da “anestesia psíquica” na primeira e sua ausência na segunda. Peres (2010, p. 31), faz a seguinte interpretação das palavras de Freud:

Freud refere-se a um “buraco na esfera psíquica”, uma “hemorragia interna”, que se instalaria e produziria um empobrecimento na excitação. Essa redução, quando intensa, produziria um retraimento no psiquismo, que por um efeito de sucção levaria os neurônios associados a abandonar a excitação, produzindo dor. Quando há excesso de comunicação com os neurônios associados, estaríamos frente à mania.

O discurso do melancólico aponta várias direções: pensamento vazio, perda de sentido, monotonia ao falar, a impressão de um domínio da sonoridade da palavra às expensas de sua significação, uma falta que não permite dar consistência à palavra. Estaríamos, então, diante de uma fragilidade, uma insuficiência constitutiva, estrutural. Essa fragilidade ou falta de adequação nas representa-

ções tem consequências no investimento do objeto, o que permitiria supor uma falha em sua constituição: o objeto não se constitui a partir de uma satisfação experimentada (o seio da mãe, por exemplo), mas surge vazio, dentro de uma realidade lógica vazia.

Na melancolia existe o *anseio por alguma coisa perdida*. Uma perda na vida pulsional, que pode ser associada à anorexia, ou seja, falta de libido, falta de apetite. Apresenta-se, assim, como um luto pela perda da libido, produzindo o efeito da inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor. (PERES, 2010). O problema principal da melancolia é que essa “dor de existir” levará, muitas vezes, ao suicídio.

A análise do conto que propomos tentará desvendar a melancolia de suas personagens, procurando mostrar como se manifestam essas tendências melancólicas que terminam trágicamente em suicídio.

Los Inmigrantes

O conto *Los Inmigrantes* foi publicado pela primeira vez na revista *Fray Mocho*, em dezembro de 1912, e forma parte da obra *El Salvaje*, publicada em 1920. Entre os anos de 1912 e 1916, Horacio Quiroga publica uma série de contos que se contam entre os melhores de sua produção: *A la Deriva* (1912), *El Alambre de Púas* (1912), *Yaguai* (1913), *Los Mensú* (1914), *Uma Bofetada* (1916), entre outros. Estes relatos estão inspirados pelas histórias de aventureiros que chegavam à província de Misiones vindos de diversos países, poloneses, alemães, belgas, franceses, brasileiros, que fracassam na tentativa de alcançar “El Dorado” daquela remota região, assim como aconteceu ao próprio Quiroga. Há neles uma fuga do mundo urbano, como habitat, mas também de seus fracassos e desesperanças vividos em seus lugares nativos e que os conduzem ao destino inevitável da morte.

O relato mostra-nos de maneira impiedosa a sina humana. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que é um conto com traços existencialistas, da preocupação pelo homem com seu sentido de existência no mundo e também como responsável de suas ações. Este sentimento unamuniano³ permeia praticamente toda a obra de Quiroga e serve de alimento, muitas vezes, para os desenlaces de suas histórias. Alberto Acereda (2001, p. 8) comenta que “*la visión que del hombre tiene Quiroga como ser abocado a la muerte se enmarca dentro de lo que algo después comporta buena parte del existencialismo filosófico como visión de la presencia trágica del hombre en el mundo*”.

3. Miguel de Unamuno trata, em sua obra *Del Sentimiento Trágico de la Vida*, a questão existencial no homem. Embora o assunto tenha sido abordado já de alguma maneira por Schopenhauer, Nietzsche e Kierkegaard, considera-se uma das primeiras obras de ficção a tratar da temática. Martin Heidegger, Karl Jaspers e Jean Paul Sartre retomarão a questão que servirá de coluna vertebral a suas filosofias.

Em *Los Inmigrantes*, a questão existencial está emoldurada pela luta do homem com o meio, como em grande parte da obra do autor: desta vez, porém, a implacabilidade da natureza vai atingir seu zênite de maneira dilacerante. O homem constitui-se junto com o meio natural, ambos compartilham um destino, mas por vezes sucumbe às armadilhas da natureza, à força hostil que o ataca por surpresa e lhe causa a morte.

A história relata a peripécia de um homem com sua esposa grávida partindo de um lugar que mais tarde saberemos que é a Silésia, na Europa, com a intenção de chegar a Makallé⁴: metaforicamente, é a caminhada do homem em direção ao seu destino; e simbolicamente constitui uma alegoria do homem que volta à terra, ao pó, donde veio. Logo nas primeiras linhas, o narrador mostra o embate entre homem e natureza:

El hombre y la mujer caminaban desde las cuatro de la mañana. El tiempo, descompuesto en asfixiante calma de tormenta, tornaba aún más pesado el vaho nitroso del estero. La lluvia cayó por fin, y durante una hora la pareja, calada hasta los huesos, avanzó obstinadamente.⁵ (QUIROGA, 2004, p. 121).⁶

O panorama apresenta-se denso e não demorará muito para o leitor saber quem vai sucumbir na luta do homem com a mãe natura: “*El agua cesó. El hombre y la mujer se miraron entonces con angustiosa desesperanza*”⁷. (p. 121, grifo meu).

Neste ponto, anuncia-se a batalha perdida; há angústia e desesperança, não é possível vencer os desígnios do destino; não só o casal pressente a iminência da morte, mas há qualquer coisa de absurdo no fato de ter que enfrentá-la:

—¿Tienes fuerzas para caminar un rato aún? —dijo él—. Tal vez los alcancemos... La mujer, lívida y con profundas ojeras, sacudió la cabeza. [...] El hombre, tras una larga mirada a su alrededor, se convenció de que nada podía hacer. Su mujer estaba encinta. Entonces, sin saber dónde ponía los pies, **alucinado de excesiva fatalidad**, el hombre cortó ramas, tendiólas en el suelo y acostó a su mujer encima. El se sentó a la cabecera, colocando sobre sus piernas la cabeza de aquélla.⁸ (p. 121, grifo meu).

4. Cidade do norte da Argentina, na província do Chaco.

5. O homem e a mulher caminhavam desde as quatro da manhã. O tempo, decomposto em asfixiante calmaria de temporal, tornava ainda mais pesada a névoa nitrosa do estuário. A chuva veio por fim, e durante uma hora o casal, molhado até os ossos, avançou obstinadamente. (Todas as citações dos fragmentos do conto são minhas).

6. Todas as citações são de: QUIROGA, Horacio. Cuentos. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.

7. A água parou. O homem e a mulher olharam-se então com angustiosa desesperança.

8. —Você tem forças para caminhar mais um pouco ainda? —disse ele—. Talvez os alcancemos... A mulher, lívida e com manchas azuladas ao redor dos olhos, mexeu a cabeça. [...] O homem, depois de olhar longamente ao seu redor, convenceu-se de que nada podia fazer. Sua mulher estava grávida. Então, sem saber onde colocava os pés, alucinado de excessiva fatalidade, o homem cortou galhos, colocou-os no chão e deitou sua mulher grávida. Ele sentou na frente, colocando sobre suas pernas a cabeça dela.

Mannoni, com respeito à relação entre *ego* e *superego*, isto é, entre nossa consciência e a “voz da consciência”, surgida das imposições proibitivas dos pais primeiramente e da escola e da sociedade mais tarde, comenta:

Voltando à questão da angústia da morte, Freud a situa ou na reação a uma ameaça exterior, ou, como na melancolia, ao desenrolar de um processo interno. Trata-se sempre, porém, de um processo que se passa entre o eu e a severidade de um super-eu. Freud mostra uma espécie de hierarquia do perigo, afinal, pode-se traduzir pelo *desejo de morrer*⁹ (desejo que se torna fonte de angústia de morte). Todavia, em toda doença grave, o desejo de viver intervém e tenta se impor, ali onde a morte atua. Resta o núcleo do sentimento do perigo, que Freud situa do lado de um *desamparo impensável*, aquele que surge quando a possibilidade de ser imortal se impõe como ilusão ao sujeito (MANNONI, 1995, p. 86).

A mulher protagonista do conto está grávida e sofre de convulsões, pelo que o homem a deita, esperando que tudo cesse. O homem sabe que não há esperanças, que ela morrerá. O homem está “*alucinado de excessiva fatalidade*”, porque o *superego* lhe cobra o fato de ter embarcado em uma aventura da qual agora sairá sozinho, com muita sorte se conseguir escapar às inclemências da natureza, mas nunca com sua esposa, que falece na tentativa. O sentimento de culpa por se encontrar naquela situação age no âmago da angústia da morte e ainda, inconscientemente, no desejo de morrer. A pulsão de vida faz com que se esgotem antes todas as possibilidades, mas ocorre o desamparo impensável quando se depara com a impossibilidade da imortalidade.

Pasó un cuarto de hora en silencio. Luego la mujer se estremeció hondamente y fue menester enseguida toda la fuerza maciza del hombre para contener aquel cuerpo proyectado violentamente a todos lados por la eclampsia¹⁰. [...] Hubo otro ataque de eclampsia, del cual la mujer salió más inerte. Al rato tuvo otro, pero al concluir éste, **la vida concluyó también**.¹¹ (p. 121-122, grifo meu).

O homem depara-se, então, com a perda. Tenta entender a situação, ainda, para aliviar a consciência:

9. Em itálico no original.

10. Afecção que se manifesta nas parturientes ou nas mulheres que estão próximas do termo da gestação, caracterizada por espasmos convulsivos epileptiformes e urinas albuminúricas. (Fonte: *Diccionario de la Real Academia Española*).

11. Passou quinze minutos em silêncio. Depois a mulher estremeceu-se profundamente e foi necessária toda a força maciça do homem para conter aquele corpo projetado violentamente a todos os lados pela eclampsia. [...] Houve outro ataque de eclampsia, do qual a mulher saiu mais inerte. Um momento depois teve outro, mas quando concluiu, a vida concluiu também.

—Es demasiada fatalidad —murmuró. —Es demasiada fatalidad... —murmuró otra vez, esforzándose entretanto por precisar lo que había pasado. Venían de Europa, eso no ofrecía duda; y habían dejado allá a su primogénito de dos años. Su mujer estaba encinta e iban a Makallé con otros compañeros... Habían quedado retrasados y solos porque ella no podía caminar bien... Y en malas condiciones, acaso, acaso su mujer hubiera podido encontrarse en peligro. Y brusca-mente se volvió, mirando enloquecido: —¡Muerta, allí!...¹² (p. 122).

Na questão acerca de como se origina a melancolia, Freud (1894) fala de uma hemorragia interna, produzida como consequência de uma “anestesia [se- xual] psíquica”, diferentemente das neuroses de angústia em que há “esgotamen- to sexual”, gerando depressão, tristeza etc. No processo de luto, há uma reação, deslocando-se o objeto de desejo para outro, depois da constatação da perda, “reação à perda de um ente querido, como os pais, a liberdade ou o ideal de al- guém, e assim por diante” (FREUD, [1917], p. 273); na melancolia, como a perda é caracterizada como ideal, ela é desconhecida e provoca aquela “anestesia”. Há uma “disposição patológica”, caracterizada psiquicamente por:

um estado de desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sen- timentos de auto-estima (FREUD, [1917], p.278).

O que ocorre, então, é o retorno da libido ao eu a partir da identificação narcísica (desejo a mim mesmo), pela impossibilidade de ligação com qualquer outro objeto, haja vista a perda em questão. Temos, assim, primeiramente, uma *perda* de objeto de desejo e em segundo lugar, um retorno da libido ao *eu*; a ter- ceira característica da melancolia é a de ambivalência emocional, amor e ódio (ao próprio objeto de desejo)¹³, e que pode causar a mania (no característico pro- cesso cíclico melancolia/mania, quando o amor triunfa), ou o suicídio (se o ódio é intolerante e qualquer negociação com o *superego* é impossível). Freud ([1917], p. 273) utiliza as seguintes palavras: “auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição”. E culmina o ensaio *Luto e Melancolia* da seguinte maneira:

12. —É muita fatalidade —murmurou—. É muita fatalidade... —murmurou outra vez, esforçando-se, no entanto, por precisar o que tinha acontecido. Vinham da Europa, disso não havia dúvidas; e tinha deixado lá seu primogênito de dois anos. Sua mulher estava grávida e iam a Makallé com outros companheiros... Haviam se demorado e ficaram sozinhos porque a mulher não podia caminhar bem... E em más condições, talvez, talvez sua mulher poderia estar em perigo. E brusca-mente voltou a cabeça, olhando enlouquecido: —Morta ali!...

13. O *Eros* e *Tanatos*, conforme a nomenclatura freudiana, originado dos sentimentos para com nosso pai de amor (por identificação) e ódio (por ele possuir o nosso mais prezado objeto de desejo: nossa mãe).

Das três precondições da melancolia — perda do objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego —, as duas primeiras também se encontram nas auto-recriminações obsessivas que surgem depois da ocorrência de uma morte. Indubitavelmente, nesses casos é a ambivalência que constitui a força motora do conflito, revelando-nos a observação que, depois de determinado o conflito, nada mais resta que se assemelhe ao triunfo de um estado de mente maníaco. Somos levados assim a considerar o terceiro fator como o único responsável pelo resultado. O acúmulo de catexia que, de início, fica vinculado e, terminado o trabalho da melancolia, se torna livre, fazendo com que a mania seja possível, deve ser ligado à regressão da libido ao narcisismo. O conflito dentro do ego, que a melancolia substitui pela luta pelo objeto, deve atuar como uma ferida dolorosa que exige uma anticatexia extraordinariamente elevada. (FREUD, [1917], p.291).

Essa ferida dolorosa leva o homem a auto infligir-se dor, de maneira simbólica, na tarefa que se impõe a seguir, e que sabe de antemão impossível, que é a de carregar o cadáver da esposa ao lugar mítico de origem da presença de um objeto de desejo representado neste caso pelo país de origem. Há uma necessidade de auto-recriminação, auto-envilecimento e expectativa delirante de punição, como postula Freud, que impede que o homem supere o estado de luto, ao menos até aqui, e que impele a ele carregar a dor inconsciente, ao mesmo tempo que carrega, simbolicamente, o objeto de desejo esvaído representado pelo corpo inerte da esposa. Se a *identificação* funciona como uma etapa preliminar da escolha objetal, a perda do objeto de desejo obriga ao *ego* a recriminar-lhe sua ausência (do objeto); diante dessa ausência, o *ego* se recrimina a si mesmo *em apariência*, isto é, na realidade consciente, quando na verdade a recriminação está dirigida a um outro (o objeto perdido), de maneira inconsciente. Por isso o melancólico não tem pudor em denegrir-se e expor sua condição miserável.

É o que o homem faz, a partir daí, ao empreender um longo caminho para levar a mulher de volta (supõe-se que ao ponto de partida, donde eles vieram, o narrador nada nos diz a respeito). São três dias de longa e extenuante caminhada, quase desumana:

Durante tres días, descansando, siguiendo de nuevo, bajo el cielo blanco de calor, devorado de noche por los insectos, el hombre caminó y caminó, sonambulizado de hambre, envenenado de miasmas cadavéricas –toda su misión concentrada en una sola y obstinada idea: arrancar **al país hostil** y salvaje el cuerpo adorado de su mujer.¹⁴ (p. 122, grifo meu).

14. Durante três dias, descansando, continuando outra vez, sob o céu branco de calor, devorado á noite pelos insetos, o homem caminhou e caminhou, como um sonâmbulo pela fome, envenenado de miasmas cadavéricas –toda sua missão concentrada em uma só e obstinada ideia: tirar do país hostil e selvagem o corpo adorado de sua mulher.

O país hostil e selvagem apresenta-se, aqui, como o contraposto do país de nascença que as personagens deixaram para trás; há uma necessidade de substituição, de deslocamento do objeto de desejo, mas aquele país, fica claro, não substituirá este, pelo contrário, age impiedosamente para lhes tolher a vida. Finalmente, o homem percebe que não será possível levar sua mulher:

La mañana del cuarto día vióse obligado a detenerse, y apenas de tarde pudo continuar su camino. Pero cuando el sol se hundía, un profundo escalofrío corrió por los nervios agotados del hombre, y tendiendo entonces el cuerpo muerto en tierra, se sentó a su lado.¹⁵ (p. 123, grifo meu).

A imagem do homem que carregou durante quatro dias sua esposa morta e se vê obrigado a ter que deixá-la sem poder levá-la para seu lugar de origem é brutal e dramática. O tender o corpo na terra implica um reconhecimento da derrota.

Nesse momento, a narrativa vai se definir completando o processo melancólico; se já havia a cobrança do *superego* por ter deixado um pequeno filho de dois anos para trás, lá na Europa, e ter empreendido uma aventura suicida com a esposa grávida, se durante o percurso da viagem a angústia do exilado manifesta-se fugindo em direção a uma morte segura, agora que se consumou a perda, restará a saudade do que não mais está e o vazio que configura um não saber completamente o que se perdeu:

El hombre echó una ojeada a la horrible masa blanduzca que yacía a su lado, y cruzando sus manos sobre las rodillas quedóse **mirando fijamente** adelante, al estero venenoso, en cuya lejanía el **delirio** dibujaba una aldea de Silesia, a la cual él y su mujer, Carlota Phoening, regresaban felices y ricos a buscar a su adorado primogénito.¹⁶ (p. 123, grifo meu).

Novamente, é possível encontrar as marcas da imersão na melancolia. O olhar fixo e o delírio mostram o sem sentido de uma situação para a qual não há saída nem explicação. No caso dos imigrantes que deixam tudo para trás em busca da “terra prometida”, o desterro, de uma ou outra maneira, cobra seu preço.

15. Na manhã do quarto dia se viu obrigado a parar, e somente à tarde pode continuar seu caminho. Mas quando o sol afundava, um profundo calafrio passou pelos nervos esgotados do homem, e deitando então o corpo morto na terra, sentou-se ao seu lado.

16. O homem deu uma olhada na horrível massa embranquecida que jazia ao seu lado, e cruzando suas mãos sobre os joelhos ficou olhando fixamente à frente, ao estuário venenoso, em que lá longe o delírio desenhava uma aldeia da Silésia, à qual ele e sua mulher Carlota Phoening, voltavam felizes e ricos a procurar seu adorado primogênito.

O que se nota nos contos de Quiroga que abordam esta temática é que o preço a pagar é alto, geralmente a morte, uma morte que de alguma forma é buscada por não poder suportar o fato da dor melancólica que o exílio traz consigo.

REFERÊNCIAS

ACEREDA, Alberto. *Del criollismo a la urgencia existencial. Fatalidad y angustia en tres cuentos de Horacio Quiroga*. *Revista Castilla: Estudios de literatura*. Madrid, v. 26, p. 7-18, 2001.

ARAÚJO, Joel Gonçalves. *António Vieira, entre o Degredo e a Pátria: Percursos de Saudades*. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Letras, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Português. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Royal Bible, 1997. 338 páginas.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

DARWIN, Charles. *A origem do Homem e a Seleção Sexual*. Rio de Janeiro: Hemus Editora, 1974.

FREUD, Sigmund. *Rascunho E. Como se origina a angústia* [1894]. Edição Standard Brasileira (ESB) das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Projeto para uma psicologia científica* [1895-1950]. Edição Standard Brasileira (ESB) das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Totem e tabu* [1913] Edição Standard Brasileira (ESB) das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial, 1982.

KRISTEVA, Julia. *Sol negro*. Tradução Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MANNONI, Maud. *O nomeável e o inomeável*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MONTAÑEZ, Amanda Pérez. *Vozes do exílio e suas manifestações nas narrativas de Julio Cortázar e Marta Traba*. Londrina: EDUEL, 2013.

PERES, Urania Tourinho. *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência*. Rio de Janeiro: Top Books, 1998.

QUIROGA, Horacio. *Cuentos*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.